



O conceito de dialética na filosofia hegeliana: a síntese dos opostos e a busca pela liberdade

André Luiz Pereira Spinieli¹

Universidade Estadual Paulista
Instituto Agostiniano de Filosofia

Resumo

O objetivo deste trabalho é oferecer uma interpretação sobre o conceito de dialética para o hegelianismo no conjunto de sua obra, com tônica no conteúdo do Capítulo IV da obra "Fenomenologia do espírito", no qual o filósofo alemão escreve sua tese da dialética do senhor e do escravo. Para se atingir a finalidade proposta, utilizam-se as noções apresentadas pelos pré-socráticos, abordando a influência dos pensamentos de Heráclito e Parmênides na formação deste conceito nos escritos de Friedrich Hegel. Este artigo ainda esclarece, mesmo que brevemente, como as ideias defendidas pelo alemão podem contribuir para uma reflexão acerca da formação de uma liberdade individual.

Palavras-chave: dialética; filosofia hegeliana; dialética do senhor e do escravo; liberdade.

Introdução

Georg Wilhelm Friedrich Hegel nasceu em Stuttgart em 1770 e faleceu em Berlim, durante o ano de 1831, tendo sido um importante pensador alemão e também o maior expoente do movimento filosófico surgido em meados do século XIX denominado idealismo alemão, formado a partir da escrita de suas ideias em obras emblemáticas, das quais se destacam a "Fenomenologia do espírito", de 1807, e seus "Princípios da filosofia do direito", que datam de 1820.

Não obstante as investidas filosóficas dos clássicos a fim de pensar os grandes questionamentos da humanidade, ainda hoje persiste um questionamento em relação ao que consiste a liberdade do indivíduo e quais são os fatores que contribuem para a formação de um indivíduo livre, valores esses que são de suma importância para o ser humano qualquer que seja a época de sua vivência. Dessa forma, a filosofia do espírito de Hegel tem como fundamento a construção da liberdade individual, que, segundo o autor, manifesta-se nas relações travadas pelo indivíduo com outros agentes que se

¹ Mestrando em Direito pela Universidade Estadual Paulista (UNESP – Franca), graduando em Filosofia pelo Instituto Agostiniano de Filosofia (IAF – Franca) e advogado. E-mail: spinieliandre@gmail.com.



encontram em mesma condição, com o Estado e com a sociedade considerada em seu todo.

Deve-se ter em mente, desde já, que a obra "Fenomenologia do espírito" de Hegel sempre foi alvo de controvérsias e discussões dentro da própria filosofia, capitaneadas por duas correntes que se destacam em seus respectivos momentos: uma primeira, baseada na posição marxista, que defendia ser esta obra o verdadeiro lugar de nascimento e o segredo da filosofia hegeliana – esta adotada para os fins deste trabalho; e uma segunda, encabeçada por Walter Kaufmann, para a qual a fenomenologia do idealista alemão é incongruente. Porém, apesar desse conflito acadêmico e filosófico, é certo dizer que Hegel, do início de sua fase de maturidade – em que se desvencilha dos estudos e escritos teológicos – até sua morte, dedica-se ao pensamento do espírito, da consciência e da liberdade humana.

Tomando por base a repercussão da filosofia deste autor e sua concepção de liberdade e construção da consciência individual, este trabalho apresenta uma análise do pensamento do filósofo alemão Friedrich Hegel no que diz respeito à dialética, com especificidade no quarto capítulo da sobredita obra, na qual o pensador se põe a estudar, desvendar e escrever sobre a construção da consciência-de-si, buscando compreender os pressupostos, o conceito, a alocação e os desdobramentos de sua dialética como síntese dos opostos, valendo-se para tanto da alegoria do senhor e do escravo, útil para a formação de um indivíduo livre.

O desenvolvimento desta investigação se dá a partir do estudo da evolução do conceito de dialética ao longo dos vários períodos da história ocidental da filosofia, tendo como aporte teórico as perspectivas dos pré-socráticos Heráclito e Parmênides, do estoico Zenão de Cício, dos clássicos Platão e Aristóteles e do moderno Friedrich Hegel, o qual propôs uma profunda alteração na natureza do termo. Em seguida, atingido o ponto de estudo da noção de dialética na filosofia hegeliana, passa-se a analisar brevemente a alegoria trazida pelo filósofo alemão em sua principal obra, a "Fenomenologia do espírito", consistente na luta entre senhor e escravo, explicando como essa tese contribui para a formação de um estudo em prol da liberdade e do reconhecimento humanos.



Metodologia

Para a confecção deste escrito, a metodologia utilizada se concentra na pesquisa de revisão bibliográfica, em especial na análise da "Fenomenologia do espírito", principal obra hegeliana e que também traz a escrita do autor sobre o objeto deste estudo, a dialética, sob a forma de uma representação alegórica, a dialética do senhor e do escravo. Além disso, utilizam-se outros artigos produzidos anteriormente que trazem uma reflexão sobre o conceito de dialética, sendo, em grande maioria, de autores internacionais, dos quais se destacam os alemães, ingleses e espanhóis.

Resultados e discussão

1. Reflexões sobre o conceito de dialética: dos pré-socráticos a Hegel

A partir de uma análise superficial da história da filosofia, é perceptível que o conceito de dialética não é unívoco, vez que perpassou por inúmeros entendimentos durante os mais de dois mil anos de pensamento ocidental e possui variações conforme o pensador que se estuda, de modo que está de acordo com essa perspectiva o que escreve Nicola Abbagnano (2007, p. 269) em seu dicionário de termos filosóficos, ao dizer que "esse termo, que deriva do diálogo, não foi empregado, na história da filosofia, com significado unívoco, que possa ser determinado e esclarecido uma vez por todas".

Mas, segundo o filósofo italiano, é possível destacar quatro momentos na história da filosofia ocidental em que a palavra "dialética" teve um papel fundamental para a compreensão do pensamento filosófico dos autores que a empregaram, sem se olvidar que é possível, conforme explica Abbagnano (2007, p. 269), resumir todas essas concepções para formular apenas uma, compreensível como o "processo em que há um adversário a ser combatido ou uma tese a ser refutada, e que supõe, portanto, dois protagonistas ou duas teses em conflitos", ou, numa visão mais voltada à filosofia heracliteana, como "um processo resultante do conflito ou da oposição entre dois princípios, dois momentos ou duas atividades quaisquer".

Diante de uma perspectiva etimológica, o termo em questão nos remete diretamente à junção de duas outras palavras que são essenciais para sua compreensão: de um lado, temos o prefixo *dia*, que representa divisão, dualidade ou duplicidade; de



outro, temos a noção grega de *alétheia* (ἀλήθεια), a qual significava para os primeiros filósofos o não esquecimento, a lembrança.

Dessa forma, é possível dizer que o conceito de dialética teve dois momentos bastante claros e distintos durante a história da filosofia, sendo que, em um primeiro instante, a dialética na Grécia antiga representava a arte de argumentar, não a partir de premissas verdadeiras, mas sim tidas como reais pelas partes, de modo a extrair a contradição existente, e, em um segundo momento, durante a modernidade, no sentir hegeliano, dialética passou a significar o modo pelo qual pensamos as contradições da realidade, de forma a extrair dos contrários um terceiro estrato: a síntese (KONDER, 2008, p. 7-8).

De início, cumpre-nos dizer que a filosofia platônica foi a primeira a se valer do termo, utilizando-a num sentido de técnica de investigação conjunta, feita a partir da colaboração de duas ou mais pessoas e conforme o procedimento socrático da maiêutica – perguntas e respostas como forma de "dar à luz" às ideias –, sendo também o ponto mais alto que a investigação conjunta pode atingir. A título de exemplo, na escrita de "A República", o ateniense escreve que a dialética está situada num local para além das ciências particulares, uma vez que considera as hipóteses de todas as ciências como meio de alcançar princípios, os quais são passíveis de contribuírem para a formação de conclusões últimas.

Apenas para ilustrar, no pensamento platônico a dialética ficou conhecida como a real filosofia, visto que se tratava de um verdadeiro método de aproximação entre as ideias e as sombras, conforme a teoria das ideias do filósofo. Ademais, para Platão apenas o diálogo faria com que o filósofo atingisse o conhecimento verdadeiro, pois assim partiria do mundo sensível rumo ao mundo das ideias, até porque se tratava de uma filosofia "determinada pela participação das quatro modalidades de conhecimento e das quatro afecções da alma na verdade, no conhecimento e no ser" (RACHID, 2008, p. 80).

Mais tarde, a filosofia aristotélica foi a responsável por fornecer uma nova roupagem ao conceito de dialética, passando a ser compreendida como o procedimento racional não demonstrativo, isto é, o silogismo em que, ao invés de partir de premissas comprovadamente verdadeiras, parte de premissas supostamente verdadeiras e que estão



fundadas nas teses de probabilidade, como aquilo que geralmente acontece (*id quod plerumque accidit*). Vale dizer que a lógica aristotélica constitui a forma correta de se proceder ao pensamento e à busca da verdade, não se tratando da verdade em si mesma.

Aristóteles reputa como dialético também o silogismo erístico – fórmula que foi utilizada anos a frente pelo filósofo alemão Arthur Schopenhauer na escrita de uma obra póstuma que, no Brasil, foi batizada de "38 estratégias para vencer qualquer debate" –, o qual parte de premissas tidas como prováveis, mas que não o são. Nesse mesmo sentido, a filosofia aristotélica se vale do conceito de dialética, conforme explica Abbagnano (2007, p. 271), na construção do pensamento silogístico, na medida em que "enquanto a premissa demonstrativa é a assunção de uma das duas partes da contradição, a premissa dialética é a pergunta que apresenta a contradição como alternativa".

Em um terceiro momento da história da filosofia ocidental, a dialética foi abraçada pelos filósofos do movimento estoico e, aqui, adquiriu o conteúdo da lógica em geral – ou, se não total, apenas da parte que não se constitui como ciência da retórica –, devendo-se essa nova visão da dialética em grande parte à transformação realizada do pensamento aristotélico por esses filósofos, viventes nas civilizações do final da antiguidade até o início da baixa idade média.

O maior expoente da nova perspectiva da dialética foi Zenão de Cício, o qual a caracterizava como uma ética monística, em que se considera sábio quem fosse apto a experimentar a verdadeira felicidade. Não diferentemente, esta conceituação de dialética sobreviveu durante toda a idade média, ao que Agostinho viria a dizer mais tarde que "a dialética é a disciplina das disciplinas: ensina a ensinar, ensina a aprender, e nela a própria razão manifesta o que é, o que quer, o que vê" (ABBAGNANO, 2007, p. 272). Portanto, para os estoicos e demais medievos, a dialética pode ser compreendida como o objeto da retórica, isto é, "a ciência do discutir corretamente nos discursos que consistem em perguntas e respostas", atribuindo-a um viés mais prático que os pensadores anteriores.

Por fim, conforme o que constitui o objeto deste escrito, a quarta dimensão do entendimento acerca da "dialética" na filosofia ocidental surge no período moderno e é atribuída à filosofia alemã, em especial ao idealismo romântico típico do hegelianismo, para a qual a dialética é formada pela síntese dos opostos por meio da determinação



recíproca. Ao contrário do pensamento fichteano da dialética dos opostos do eu e do não-eu ou do pensamento de Schelling sobre o absoluto, em Hegel a dialética assume o caráter de ser "a própria natureza do pensamento".

As raízes da noção de dialética na filosofia do idealista alemão se encontram no pensamento do pré-socrático Heráclito de Éfeso, filósofo esse cuja cosmologia é formada pela percepção que teve da existência de contrários que estão sempre em conflito na natureza, num segmento de constante mudança de um estado para o outro, até que os opostos se tornam a mesma coisa, conforme relembra Werner Jaeger (2001, p. 227) ao dizer que "todas as oposições da vida cósmica se transforma continuamente umas nas outras e reciprocamente se apagam os prejuízos que causam (...)".

Ainda, contrariamente a outros pré-socráticos, como Parmênides de Eleia, o ser na filosofia heracliteana é dotado de mudança constante, já que vive num eterno fluxo em que tudo muda e nunca se concebe algo igual foi antes, daí lembrar seu célebre aforismo segundo o qual "ninguém pode entrar duas vezes no mesmo rio, pois quando nele se entra novamente, não se encontra as mesmas águas, e o próprio ser já se modificou".

Consoante explicação dada pelo escocês John Burnet (2006, p. 172),

Agora estamos em condições de compreender com mais clareza a lei da discórdia ou oposição que se manifesta no "caminho para cima e para baixo". (...) Ora, é justamente o fato de as duas metades de tudo serem "puxadas em direções contrárias" (essa "tensão dos contrários") que "mantém as coisas unidas" e as conserva num equilíbrio que só pode ser perturbado temporariamente e dentro de certos limites.

Diferentemente de seu predecessor filosófico Heráclito, o pensamento de Parmênides está fundado na noção de que toda a realidade está compactada em uma massa única e qualquer movimento percebido é, na verdade, uma falsa percepção. O filósofo eleata teve como principal seguidor Zenão de Eleia, o qual buscou provar todas as suas teses, inclusive sendo chamado de "inventor da dialética" por Aristóteles.

O método dialético de Zenão, que tinha raízes em Parmênides, "consistia em tomar um dos postulados fundamentais de seus adversários e dele deduzir duas conclusões contraditórias" (BURNET, 2006, p. 331), o que quer dizer que, a partir dos ensinamentos da escola eleática, Zenão passa a compreender a dialética como a arte de argumentar a partir de premissas não consideradas verdadeiras, mas que são aceitas pela



outra parte, visto que a própria tese da unidade de Parmênides o levaria a conclusões que "contradiziam a evidência dos sentidos" (BURNET, 2006, p. 331).

Em igual concepção, Friedrich Hegel desenvolve seu pensamento filosófico conforme a dialética, uma estrutura em constante movimento em que a noção de infinitude (*Unendlichkeit*) está umbilicalmente conectado à ideia da capacidade subjetiva da consciência (*Bewußstein*) *se superar a cada momento. Na obra "Fenomenologia do espírito", o autor apresenta o itinerário da consciência, que vai do seu saber mais sensível e simplório e vai a rumo ao saber absoluto, lógica essa conduzida pelo conflito entre os opostos na passagem da consciência comum para a consciência-de-si (Selbstbewußstein) e desta para a razão, o saber absoluto (Vernunft).*

Segundo o próprio Hegel (2005, p. 112-113), a sua filosofia pode ser caracterizada como o pensar sobre o espírito, pois, partindo-se do princípio de que o espírito², enquanto sente e cria intuições, tem o sensível como objeto, ou enquanto se constitui como fantasia ou vontade, tem imagens e fins, respectivamente, também procura a satisfação no pensamento, opondo-o a todas essas outras formas de existência ou basicamente se distinguindo delas, obtendo o pensar como o objeto do espírito.

No entanto, o pensamento necessariamente vem eivado de contradições, ou seja, como diz ele, "perde-se na não-identidade solidificada dos pensamentos, com os quais não se alcança a si mesmo, mas permanece apanhado por seu oposto" (HEGEL, 2005, p. 113)³. Embora a dialética em Hegel seja basicamente uma ideia de conflito entre os opostos, para ele é possível que o indivíduo supere essas contradições a partir do instante em que atinge a chamada por ele de "consciência-de-si", que é ilustrada pela tese do conflito entre senhor e escravo.

O momento dialético hegeliano representa a própria superação das determinações finitas e do seu passar por suas opostas. Conforme Hegel (2005, p. 183),

² O idealismo hegeliano está fundamentado no estudo do espírito e de suas manifestações, cuja doutrina envolve a necessidade de compreensão do que seja o espírito em três dimensões, a saber, a sua manifestação como algo diverso da realidade existente, como alma, consciência e razão (espírito subjetivo); a sua manifestação como ser de liberdade, como direito, costume e moralidade (espírito objetivo); e sua manifestação como ser plenamente consciente de si, como religião, arte e filosofia (espírito absoluto).

³ Tradução livre do original, do qual consta nos seguintes termos: "(...) se pierde en la no-identidad solidificada de los pensamientos, con lo cual no se alcanza a si mismo, sino que más bien permanece cogido por su opuesto".



a dialética é geralmente considerada como uma habilidade extrínseca que pode produzir uma confusão em determinados conceitos e uma simples aparência de contradição entre eles, de modo que nulas seriam aquelas determinações que não contêm essa aparência de contradição, e o que o entendimento assimilado seria o verdadeiro.

Conforme Abbagnano (2007, p. 273), citando a obra hegeliana, a dialética é

(...) a resolução imanente na qual a unilateralidade e a limitação das determinações intelectuais se expressam como são, ou seja, como sua negação. Todo finito tem a característica de suprimir-se a si mesmo. A dialética constitui, pois, a alma do progresso científico e é o único princípio através do qual a conexão imanente e a necessidade entram no conteúdo da ciência; nela também está, sobretudo, a elevação verdadeira e não extrínseca acima do finito.

Dessa forma, pode-se dizer que a dialética no pensamento hegeliano é colocada como a natureza do pensamento e a forma de resolução das contradições colocadas defronte a realidade infinita ou o pensar, enquanto objeto do intelecto ou do espírito. Mas, embora hoje haja certo consenso entre o que se entende por dialética hegeliana, os outros tempos nos mostram que sempre houve certa confusão em relação ao que se poderia extrair dessa noção, vez que era comum entender a dialética do alemão como sequência e expressão da tradição filosófica aristotélica, o que limitava essa tese à natureza de instrumento capaz de resolver conflitos meramente argumentativos.

Na verdade, a inovação trazida pela dialética hegeliana em relação à noção dos antigos reside na compreensão de que o fundamento supremo da realidade não poderia ser qualquer outro senão a "ideia", cujo dinamismo está fincado no princípio da dialética, a qual deve ser realizada em três fases, a saber: a tese, a antítese e a síntese. Dessa forma, qualquer realidade é inicialmente apresentada, depois termina negada por si própria e, num último estágio, supera essa contradição e garante sua eliminação, em uma repetição inesgotável.

Como forma de exemplificação, seguindo na esteira trazida por Eduardo Bittar e Guilherme Assis (2015, p. 377), todo e qualquer fato histórico, revolução social e movimentos intelectuais são passíveis de explicação por meio da dialética hegeliana. Significa dizer que a dialética se constitui como própria superação dos opostos pela síntese: quando uma afirmação (tese) é feita, o contrário (antítese) é automaticamente



posto como pressuposição do que foi anteriormente afirmado e, dessa contradição inevitável, surge a síntese.

Ao comentar a obra hegeliana como um todo, Miguel Reale (1999, p. 111) assevera que Hegel

nunca concebeu a razão de maneira abstrata, separada dos dados empíricos; (...) O mestre da *Fenomenologia do espírito* não se contentou com uma adequação estática entre o empírico e o racional, mas, desenvolvendo o pensamento crítico em função da afirmada força sintética do espírito, levou a cabo uma verdadeira fusão entre o real e o racional.

A superação dos conflitos formados a partir das oposições representa um novo instante em que o conflito se eleva e toma um novo patamar, produzindo na história um rumo ainda não pensado em momentos prévios, o que faz com que a afirmação segundo a qual a dialética hegeliana em muito se assemelha à lógica aristotélica ou medieval seja considerada nula. No mesmo sentido, vale dizer que a dialética hegeliana não suplanta os princípios lógicos da identidade e da contradição, próprios do aristotelismo, mas sim os supera e os mantém em um único princípio dialético, reconhecendo, conforme preleciona Tarcílio Ciotta (1994, p. 12), que as coisas são necessariamente contraditórias e se sujeitam necessariamente a um devir permanente, que é um "movimento de diferenciação que põe sempre novas determinações".

A partir da superação da lógica formal aristotélica pela dialética hegeliana, que reúne os princípios da identidade e da contradição e forma apenas um, necessariamente resta identificado um movimento determinante, um devir, que passa do ser ao nada e do nada ao ser. Para ilustrar essa ideia, Hegel utilizou o termo alemão "*Aufheben*", que significa suspender, isso porque, para ele, "a superação dialética é simultaneamente a negação de uma determinada realidade, a conservação de algo essencial que existe nessa realidade negada e a elevação dela a um nível superior" (KONDER, 2008, p. 25), relembando a consagrada fórmula hegeliana da tese, antítese e síntese.

Nas palavras de Dario Antiseri e Giovanni Reale (2005, p. 107), citando o próprio Hegel, a dialética

É esse ultrapassar imanente no qual a unilateralidade e a limitação das determinações do intelecto se expressam por aquilo que são, isto é, como sua negação. A dialética, portanto, é a alma motriz do



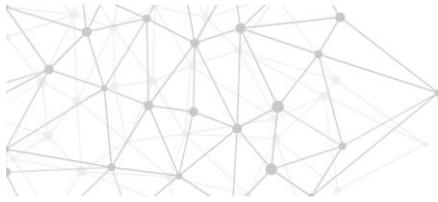
procedimento científico, sendo o único princípio pelo qual o conteúdo da ciência adquire um nexos imanente ou uma necessidade.

Para Hegel, o processo dialético não se constitui enquanto propriedade absoluta do pensamento filosófico, mas sim está presente em todos os momentos da realidade. Ou seja, "por mais que o intelecto comumente solicite a dialética, não se deve pensar de modo algum que a dialética seja algo presente somente na consciência filosófica" (ANTISERI; REALE, 2005, p. 107), uma vez que esse procedimento está implícito na consciência e na experiência em geral.

Por isso, válida é a afirmativa de que a síntese – o momento especulativo, de resolução do conflito e de captação de toda a unidade das premissas contrapostas – nos mostra a dialética como um movimento circular que jamais tem repouso, isto é, encerrado o lado abstrato, a tese, da tríade dialética, dá-se início à análise do segundo momento da dialética, o lado dialético em sentido estrito (ou negativamente racional) e a contraposição desses dá origem à síntese, que conseqüentemente dará espaço para outra tese e assim por diante, num sentido circular e contínuo, de movimento (devenir).

Mas quais são as funções da dialética hegeliana? Para que ela serve? Fato é que os intérpretes de Hegel jamais esclareceram de forma exaustiva a motivação filosófica que está por detrás do método. Evidente que não podemos nos olvidar que a dialética para Hegel funciona como verdadeiro motor do pensamento, simultaneamente ao tempo em que também é motor da história. Hoje, alguns comentaristas analisaram a obra do filósofo e identificaram três funções primordiais em sua dialética (FORSTER, 1999, p. 134), que se dividem em três: funções pedagógicas, relativas ao ensino de Hegel para a formação de um público contemporâneo; funções epistemológicas, ligadas à justificação de toda sua obra; e funções científicas, que se dirigem aos padrões que fazem do sistema hegeliano um sistema verdadeiramente científico.

Hegel costumava afirmar em seus estudos que a verdade apenas é identificável a partir da observação da totalidade. Quer dizer que apenas na análise da totalidade, lugar em que o igual e o diferente, a quietude e o movimento, o sensível e o absoluto ou, em suma, os opostos, estão presentes, é que a verdade nos seria revelada. Não por outra razão, dizia ele que aquele que propõe não haver contradição dentro de si, enquanto identidade do oposto, necessariamente afirma que não há nada vivo, pois a força da



vida, assim como o funcionamento de todas as coisas, consiste precisamente em levar para si a contradição, suportá-la e superá-la.

A dialética na filosofia hegeliana não se trata de um conjunto de leis que, como manuais, se apresentam para a transformação da unidade dos opostos. Na verdade, apenas se adentra ao campo específico da dialética a partir do instante em que nos esforçamos para compreender quando e em quais condições essa unidade é formada (tese) e como outro polo se torna seu oposto (antítese), o que significa que apenas estamos no âmbito da dialética hegeliana quando nos colocamos a investigar a realidade vida, em sua totalidade, com suas contradições e mutações.

Dessa maneira, pode-se firmar que a dialética hegeliana representa o único método capaz de atingir o conhecimento científico do absoluto, ou seja, de retirar a consciência humana da mais baixa camada e elevá-la para o patamar em que alcança o saber absoluto, sendo assim a abordagem que objetiva captar toda a realidade exatamente como ela se põe e, ao mesmo tempo, como ela deveria ser. Ela se põe a conhecer as coisas em sua formatação concreta e com todas as suas características, e nunca como realidades vazias, abstratas e reduzidas a poucos termos, de tal maneira que signifique ver as coisas em movimento e sob a forma de processos, identificando e estudando as contradições existentes em todas as unidades.

A dialética para Hegel é justamente um procedimento de categoria superior do pensamento humano – e, simultaneamente, o "motor de todas as coisas" –, no qual os opostos que fundamentam o devir (movimento) se reencontram e formam uma síntese e, por isso, é pertinente dizer que a maior contribuição da dialética sob a perspectiva da filosofia hegeliana, embora possua semelhanças com a ciência lógica aristotélica ou mesmo seja fruto do pensamento dos primeiros filósofos da história, é justamente o fato de superar a habilidade do diálogo, como em outros tempos, para servir como um meio de compreensão do real, sempre numa visão cíclica e interminável.

2. Conflito e liberdade na dialética do senhor e do escravo de Hegel

No quarto capítulo de sua obra "Fenomenologia do espírito", Friedrich Hegel escreve que os animais não possuem desejos de lutar por honra ou por glória, mas sim de batalhar por alimento ou em prol da defesa de seus territórios, o que significa dizer



que lutam para garantir a sobrevivência, mas os homens, de maneira contrária aos animais, existem para lutar por princípios similares à honra. Todavia, durante o confronto entre essas duas consciências, o resultado a que se chega é que a consciência humana deseja desejos, isto é, possui ganas de ser reconhecida pelo outro ou de ser superior ao outro e, justamente no desejo, o homem adquire a consciência-de-si (*Selbstbewußstein*).

Para Hegel, a origem desta consciência-de-si está neste movimento dialético de conflitos entre os indivíduos, entre o senhor e o escravo, fundado a partir dos desejos de ser superior e de reconhecimento. Conforme explica Luís Henrique Vieira da Silva (2009, p. 47):

O processo dialético inerente ao próprio movimento do desejo (*Begierde*) gera a duplicação dos desejos que consiste na duplicação da consciência de si que, por sua vez, resulta na luta das consciências de si desejantes, a qual gera a divisão do conceito de desejo (*Begierde*) transformando-o em desejo (*Begierde*) e desejo refreado (*gehemmte Begierde*)⁴.

A concepção do desejo na filosofia hegeliana deve ser compreendida como "apetite", ainda que etimologicamente, por se tratar daquilo que perturba o homem, aquilo que faz com que haja a transformação de um mundo hostil em um mundo humano e que satisfaz plenamente os desejos dos indivíduos. A consciência que busca ser reconhecida (*Anerkennung*) por outra consciência não é a que permanece em seu núcleo interno, mas sim a que é expulsa e busca seu reconhecimento fora de si mesmo, mas, pelo fato da outra consciência desejar sempre o mesmo que a primeira, há a instituição de um conflito.

Na obra filosófica de Friedrich Hegel, a dialética enquanto conflito é caracterizada por meio da apresentação de uma alegoria que engloba um senhor e um escravo na busca pela chamada "consciência-de-si". A partir da leitura citado quarto capítulo da obra "Fenomenologia do espírito", Hegel nos ensina que esta modalidade de consciência é dotada de características típicas do desejo, como dito, de modo que faz com que tudo dependa de si e faça com que o indivíduo busque no outro para poder ser,

⁴ Nesse aspecto, entende-se que o desejo refreado constitui a outra face do desejo, "porque não consiste mais num movimento de pura negação que afirma a consciência imediatamente no mundo; contudo, se constitui destarte na negação oposta já que a sua negação consiste na transformação e produção do que lhe é dado como o oposto" (SILVA, 2009, p. 47).



vale dizer, precisamos sempre de outra "consciência-de-si" para sermos da maneira que somos.

O conflito – que deve ser entendido como uma luta social e circular, não como um confronto psicológico ou individualista – surge a partir do instante em que ocorre o encontro entre essas duas consciências, dando origem àquilo que ele denomina na sobredita obra de "dialética do senhor e do escravo", na qual uma das consciências prefere se entregar à outra por medo e opta por ser uma consciência dominada ao invés de ser uma consciência morta (não-consciência).

A consciência produtiva – o escravo – prefere viver sob o regime de servidão antes de morrer, de modo que seu medo da morte é mais poderoso que seu desejo de ser reconhecido pela outra consciência, enquanto a consciência na qual o desejo de dominar é predominante sobre o medo de morrer termina por submeter a outra consciência a um regime de dominação.

Alterando os termos para buscar um sentido mais ilustrativo do tema, é possível dizer que o escravo é aquele que trabalha incessantemente e continua a temer a morte, mas o senhor jamais trabalha e apenas espera os resultados do trabalho alheio. Enquanto o senhor não possui o medo da morte e por isso se encontra no nível que está, o escravo desistiu e assim se tornou, ou seja, significa dizer que o escravo é a consciência que foi obrigada a refrear seu desejo (*gehemnte Begierde*) e o senhor constitui a consciência que realiza o desejo.

Conforme leciona Luiz Henrique Vieira da Silva (2009, p. 55), "ao travar a luta de vida ou morte os desejos apenas realizam a imediatez da morte que nunca os levará à relação almejada por ambos", de modo que "um dos desejos intuirá essa impossibilidade de relação pela imediatez da morte e deixará de levar essa luta a cabo para se colocar fora da disputa e ceder de imediato ao outro desejo".

Nesse sentido dialético, o desejo (*Begierde*) é o responsável pela descoberta da razão pela qual uma das consciências deixa de perseguir a realização do seu desejo e automaticamente se coloca na posição de desejo refreado (*gehemnte Begierde*). A dialética é ilustrada a partir de dois movimentos contrapostos: a consciência-de-si do senhor se afirma a partir da negação imediata da realidade e realiza seu reconhecimento no processo desse movimento conflituoso, enquanto a outra, a consciência-de-si do



escravo, encontra-se impossibilidade de obter ou mesmo perseguir o reconhecimento, pois a primeira lhe tolheu a realização de seus desejos.

Para Hegel, a consciência do escravo possui a tendência de se dirigir rumo ao reconhecimento (*Anerkennung*), visto que ele é quem realiza o trabalho do senhor, caminhando, assim, para uma verdadeira construção da consciência. Neste processo conflituoso entre senhor e escravo haverá a possibilidade de modificar a natureza do movimento do desejo, transformando-o em outro movimento da realidade.

Conforme preceitua o próprio Friedrich Hegel (2007, p. 136), "a consciência-de-si, portanto, o ser-Outro é como um ser, ou como momento diferente; mas para ela é também a unidade de si mesma com essa diferença, como segundo momento diferente". Na sequência, completa ele dizendo que "a consciência-de-si é como consciência e para ela é mantida toda a extensão do mundo sensível; mas ao mesmo tempo, só como referida ao segundo momento, a unidade da consciência de si consigo mesma".

Nesta ilustração, o senhor representa a consciência que é para si mesma, ao passo em que o escravo é uma consciência heterônoma e que existe fora de si mesmo. Logo, outro problema perceptível nessa tese hegeliana é de que o escravo possui a tendência de se dirigir ao reconhecimento, pois o que ele faz é todo o trabalho do senhor e assim caminha rumo à construção de sua consciência-de-si, de uma consciência desejante, isto é, nesta relação de dependência quem realmente depende é o senhor em relação ao escravo, pois é ele quem desenvolve o trabalho, visto que o senhor já não sabe mais trabalhar por estar em posição de gozo de seus desejos e não ter medo da morte de sua consciência.

Neste movimento dialético, o escravo, por meio de seu trabalho, supera a condição de escravo e o senhor é imediatamente rebaixado, pois não consegue mais desenvolver seu trabalho. Dessa forma, para a filosofia hegeliana, o trabalho e o medo da morte, dentro desta alegoria, constituem elementos essenciais para a formação da consciência e o atingimento do reconhecimento. A partir daí os papéis são invertidos e o escravo deixa de ser propriedade, de ser um "ser-para-outro", e substitui o senhor em sua posição, tornando-se um "ser-para-si".

A dialética do senhor e do escravo escrita pelo filósofo alemão em sua obra de maior conhecimento público nos apresenta os três passos da dialética hegeliana, desde a



gênese do conflito até as suas várias soluções. No primeiro estágio, temos o momento da afirmação, uma vez que são colocadas duas consciências desejantes que se contrapõem, tratando, segundo diz Hegel, da gênese da história universal. No segundo instante, há o momento da negação, em que uma das consciências passa a administrar e subverter a outra, negando-a enquanto ser-para-si e remetendo-a para o nível de ser-para-outro. No terceiro e último estrato, tem-se a negação da negação, na qual a consciência negada por medo de morrer – o escravo – se coloca a trabalhar e nega o negador, ou seja, o escravo exerce uma negação sobre o senhor, para que, superando-o por meio do trabalho, atinja o grau de senhor, para assim realizar o espírito absoluto e estar em liberdade.

Diante das várias possibilidades de resolução deste conflito, podemos dizer afinal que escravo ou senhor não querem sobreviver numa relação de luta cíclica, mas sim viver em liberdade, retirarem-se dessa cadeia perpétua. Nesse sentido, diz Hegel que a liberdade representa um fenômeno de constituição paulatina e cujo resultado advém de esforços ao longo dos séculos. Finalmente, transfigurando o tema da liberdade para a dialética do senhor e do escravo, pode-se concluir que o único caminho para que o escravo se torne efetivamente livre do senhor é por meio da percepção do estado das coisas, ou seja, deve ele perceber que seu trabalho é importante para o senhor e que ele, enquanto ser-para-si que vem a se tornar, é o responsável por satisfazer as necessidades daquele que depende dele para ser o que é, o senhor.

Considerações finais

Conclui-se que o conceito de dialética deveras não pode ser tratado como termo de significado único por aqueles que se põem a estudar a história da filosofia ocidental, mas também se deve ter em mente que esta noção foi totalmente alterada a partir do surgimento do pensamento hegeliano, no qual a dialética passa a significar basicamente o conflito entre os opostos que permeia toda e qualquer relação social, funcionando como o "motor da história". Em relação à análise da dialética do senhor e do escravo, Hegel nos mostra que o que ambos os participantes desse conflito querem não é que o escravo trabalhe e vire senhor e o senhor, por ser dependente do trabalho alheio, sucumba e se torne escravo, mas sim que ambos querem se libertar desse movimento



cíclico, de modo que ambos se formem como "ser-para-si" e tenham medo da morte e exerçam o trabalho.

Referências

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. 5. ed. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2007.

ANTISERI, Dario; REALE, Giovanni. **História da filosofia, 5: do romantismo ao empiriocriticismo**. Tradução de Ivo Storniolo. 1. ed. São Paulo: Editora Paulus, 2005.

BITTAR, Eduardo Carlos Bianca; ALMEIDA, Guilherme Assis de. **Curso de filosofia do direito**. 11. ed. São Paulo: Editora Atlas, 2015.

BURNET, John. **A aurora da filosofia grega**. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Contraponto, 2006.

CIOTTA, Tarcílio. **Hegel: a fundamentação ética do Estado**. 1994. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul: Rio Grande do Sul. 1994.

FORSTER, Michael. Hegel's dialectical method. In: BEISER, Frederick C. **The Cambridge Companion to Hegel**. 1. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **Enciclopedia de las ciencias filosóficas en compendio**. 2. ed. Madrid: Alianza Editorial, 2005.

_____. **Fenomenologia do espírito**. Tradução de Paulo Meneses. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2007.

JAEGER, Werner W. **Paideia: a formação do homem grego**. Tradução de Artur M. Parreira. 4. ed. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2001.

KONDER, Leandro. **O que é dialética**. 28. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 2008.

RACHID, Rodolfo José Rocha. **A invenção platônica da dialética**. 2008. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas, Universidade de São Paulo: São Paulo. 2008.

REALE, Miguel. **Filosofia do direito**. 19. ed. São Paulo: Editora Saraiva, 1999.

SILVA, Luiz Henrique Vieira da. O desejo e seu outro. **Revista Eletrônica Estudos Hegelianos**, ano 6, n. 10, p. 47-59, junho 2009. Disponível em: <http://www.hegelbrasil.org/Reh10/luis.pdf>. Acesso em 10/03/2019.